

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Sarah Maldoror, A Poesia da Imagem Resistente
A Cinemateca com o IndieLisboa
6 de Setembro de 2021

ANA MERCEDES HOYOS / 2008

Realização: Sarah Maldoror / **Imagem:** Gilberto Barrios / **Som:** Jean Collot / **Montagem:** Florent Maillet / **Músicas:** Miriam Makeba / **Produção:** Novi Productions (França, Colômbia) / **Cópia:** em ficheiro digital, cor, falada em castelhano legendado electronicamente em português / **Duração:** 13 minutos / Primeira exibição na Cinemateca.

LA TRIBU DU BOI D'LE / 1997

Realização: Sarah Maldoror / **Poema:** Patrice Treuthardt / **Comentário:** Alain Ghli / **Imagem:** Patrick Petit, Sylvain Macarty, Steve Gauthier, Thierry Chenayer / **Fotógrafo:** Dominique Daman / **Montagem:** Jacky Tayama / **Música:** Sabouk / **Fotografias:** Sebastião Salgado / **Produção:** Matouba Films (Reunião) / **Cópia:** em ficheiro digital, cor, falada em francês, legendado electronicamente em português / **Duração:** 12 minutos / Primeira exibição na Cinemateca.

MIRÓ / 1979

Realização: Sarah Maldoror / Reportagem pertencente à série: *Aujourd'hui en France*, 1979, França / **Cópia:** em ficheiro digital, cor, falada em francês, legendado electronicamente em português / **Duração:** 5 minutos / Primeira exibição na Cinemateca.

WIFREDO LAM / 1980

Realização: Sarah Maldoror / Reportagem pertencente à série: *Aujourd'hui en France*, N°22, 1980, França / **Cópia:** Cinémathèque de Toulouse, em DCP, cor, falada em francês, legendado electronicamente em português / **Duração:** 4 minutos / Primeira exibição na Cinemateca.

ALBERTO CARLISKY / 1980

Realização: Sarah Maldoror / Reportagem pertencente à série: *Aujourd'hui en France*, N°32, 1980, França / **Cópia:** Cinémathèque de Toulouse, em DCP, cor, falada em francês, legendado electronicamente em português / **Duração:** 4 minutos / Primeira exibição na Cinemateca.

VLADY / 1983

Realização: Sarah Maldoror / **Direção de Fotografia:** Julio Pliego / **Operador:** Cuco Villarias / **Som:** Francisco Ohem / **Montagem:** Agnès Molinard / **Entrevista:** Suzanne Lipinska / **Música:** Una Ramos / **Poema dito por:** Annouchka de Andrade / **Produção:** França México / **Cópia:** em ficheiro digital, cor, falada em francês, legendada em castelhano e electronicamente em português / **Duração:** 24 minutos / Primeira exibição na Cinemateca.

filmes de SARAH MALDOROR

Duração total da projecção: 62 minutos (sessão sem intervalo)

Nota: A cópia do filme **Vlady** apresenta problemas de qualidade. Apresentamo-la dada a sua raridade e ser a única cópia conhecida do filme até ao momento.

Uma sessão dedicada aos vários retratos de artistas plásticos que Sarah Maldoror realizou ao longo da sua vida para diferentes contextos que, vistos no seu conjunto, revelam inúmeras afinidades ao nível temático e formal. Trata-se também de um programa que revela como as afinidades da cineasta com as outras artes ultrapassam em muito a sua ligação à poesia e à literatura, áreas com as quais a sua obra ficou mais conotada. Por estes dias, Annouchka de Andrade, filha de Maldoror que acompanhou e introduziu várias das sessões desta retrospectiva, destacou a sua profunda relação com a pintura e mesmo um seu desejo de vir a ser pintora, sendo que o pensamento pictórico presente no cinema de Maldoror ultrapassa esta dimensão.

Ana Mercedes Hoyos, um dos últimos filmes realizados por Maldoror – o último é o quinto filme que dedica a Aimé Césaire após a morte deste, **Eia por Césaire** (2009) –, aborda as raízes africanas da cultura colombiana na sua relação com a escravatura, questões que estão bem expressas na obra da artista. As palavras de Ana Mercedes Hoyos têm um papel importante num filme em que esta alude explicitamente a um problema negro, o problema de segregação para com os negros que ajudaram a construir a Colômbia, e às raízes negras da América na sua relação directa com a escravatura. Questões que dominam explicitamente uma obra que reflecte artisticamente sobre a mistura cultural que está na base da cultura colombiana, que Maldoror nos dá a ver na sua curta-metragem.

Em **La tribu du Boi d'Ié**, uma grande exposição de Alain Séraphine na sua alusão à exploração e escravatura associada à cultura da cana do açúcar, dá o mote a um documentário que nos revela as rotas e os caminhos dos escravos, em contraste com o poema sobre a liberdade que dá o título ao filme. Em paralelo encontramos o trabalho de um conjunto de jovens que desenvolvem estudos na área da animação, que nos revelam a importância de desenvolver a criatividade como forma de liberdade, que no fundo é o grande “tema” de toda a obra de Maldoror.

Miró, Wilfredo Lam e Alberto Carlisky são três curtas reportagens realizadas na transição para os anos oitenta para a série *Aujourd'hui en France* a propósito da obra destes artistas. Uma série produzida pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros francês, com vista a circular em vários países. Relativamente convencional, a primeira das reportagens, **Miró**, reporta a uma exposição de Joan Miró na Fundação Maeght, no sul de França, traduzido várias vertentes da sua obra, uma exposição que testemunha a relação do escultor, pintor, e ceramista espanhol com Paris e com outros artistas. Um filme que tem um muito importante valor documental devido à presença do artista, cuja obra era muito apreciada por Maldoror.

Wifredo Lam foi também realizado para a série *Aujourd'hui en France* (Nº22, 1980) e parte de uma exposição de Lam em Paris em 1980, revelando como o pintor e escultor deu a conhecer a cultura afro-cubana na Europa. Maldoror apresenta-nos a biografia do artista que se instala em França em 1952, e que traduz uma enorme mistura de culturas na sua obra, em que ecoa a sua origem multicultural enquanto filho de pai chinês e de mãe negra

criado em Cuba, entre as influências de uma cultura chinesa e uma cultura africana, que no seu posterior trabalho na Europa fundirá com o surrealismo, movimento que, como diz o texto em *off*, conhecerá graças à sua amizade com Pablo Picasso. Amigo de Maldoror, Lam partilha com a cineasta esse mesmo interesse pelo surrealismo, tão conotado com o movimento da Negritude, recriando sob tal influência todo um conjunto de admiráveis personagens relacionadas com a mitologia afro-cubana, que encontramos nas imagens do filme.

Alberto Carlisky envolve uma entrevista com o escultor argentino realizada no âmbito da mesma série (*Aujourd'hui en France*, N°32, 1980). Carlisky revela aqui o seu fascínio por Honoré de Balzac, fonte de inspiração da sua obra e de todo o seu amor por França. A fecundidade que identifica na escrita de Balzac assim como os seus ritmos redondos dominarão a própria obra do escultor, que aqui revela como as obras artísticas se alimentam mutuamente, em fusões muitas vezes improváveis.

A sessão termina com um curto documentário que Sarah Maldoror dedicou ao pintor Vladimir Kibalchich Rusakov, que acompanhou o seu pai, o escritor Victor Serge, no exílio mexicano, quando este fugia à repressão do estalinismo. Vlady evoca os frescos que pintou durante oito anos nas paredes da Capela San Felipe Neri, no México, que convocam a história de várias revoluções e que dedica a todos os bolcheviques condenados pelo estalinismo. Onde acabava **L'Hôpital de Léningrad**, ficção que Sarah Maldoror realizou em 1982 a partir de uma obra de ficção de Victor Serge, começa também simbolicamente este filme, quando Maldoror documenta o trabalho do seu filho, sendo que foi o filme anterior que conduziu Maldoror a Vlady e ao México. Ao traçar o paralelismo entre a obra pictórica de Vlady e a obra do seu pai, o filme reforça uma tradição comum impregnada pela história e pela política.

Um dos momentos mais singulares do filme é quando Vlady descreve o poema que o pai lhe deixou pouco antes de morrer, na sua relação com as suas mãos que acaba de desenhar. Um “poema sobre a morte e a fraternidade”, que será reeditado vinte anos depois pela neta de Trotsky, poeta mexicana que traduziu o poema e o publicou juntamente com o desenho de Vlady. Poema belíssimo que será no fundo um hino à liberdade, aqui dito pela cristalina voz de Annouchka de Andrade, que colabora em mais um dos trabalhos de sua mãe. Filmando a palavra dos poetas ou a pintura ou a escultura de outros artistas, Maldoror revela-nos mais uma vez o seu amor à arte na sua relação com uma liberdade fundadora. Como afirmará numa entrevista presente documentário de Anne-Laure Folly, **Sarah Maldoror ou La Nostalgie de L'Utopie** (1998): “Amo filmar os poetas”. Daí a sua própria poesia de uma imagem resistente, que evocamos ao longo desta retrospectiva.

Joana Ascensão